

GÊNEROS TEXTUAL-DISCURSIVOS DA ESFERA MÉDICA ENTRE A 'DEFINIÇÃO E FUNCIONALIDADE' E A 'CONFIGURAÇÃO, DINAMICIDADE E CIRCULAÇÃO': UM MAPEAMENTO INTRODUTÓRIO

Francisco Renato Lima (UNICAMP)
fcorenatolima@hotmail.com

RESUMO: O propósito deste estudo, ancorado em uma concepção sociointeracionista de linguagem, a qual abarca o conceito de texto, discurso e gênero, é apresentar um breve mapeamento – por isso, introdutório – de alguns gêneros textual-discursivos da esfera médica, atentando-se para as categorias: i) definição, ii) funcionalidade, iii) configuração, iv) dinamicidade, e v) circulação, tal como preconiza Marcuschi (2010 [2002], 2011 [2005]). A formulação da proposta acresce aos resultados de Lima (2016, 2019a etc.), ao tratar da relação médico-paciente e avança no sentido de contemplar a perspectiva de verticalização sobre o tema. Metodologicamente, quanto à abordagem, constitui-se de uma pesquisa qualitativa; quanto aos objetivos, constitui-se de uma pesquisa de natureza exploratória e explicativa; e quanto aos procedimentos técnicos, recorre-se à pesquisa bibliográfica, que, além da visão marcuschiana, apoia-se em Bakhtin (2011 [1979]), subsidiado pelas leituras de Bezerra (2017, 2022), Rojo (2005), Rojo e Barbosa (2015). Nesse viés, da inter-relação entre o textual-discursivo e o social, a proposta mapeia aspectos que predicam as cinco categorias mencionadas, a fim de contribuir para uma compreensão de dois gêneros da esfera médica: a bula de medicamentos e a receita médica. A opção pelo recorte, parte do fato de ambos apresentarem maior recorrência e 'circulação' na esfera médica e que mais intermedeiam a relação médico-paciente. A partir do mapeamento analítico, é possível apontar para aspectos que aliam a forma e, sobretudo, a função dos referidos gêneros nos contextos institucionais, contribuindo, assim, para a percepção dos seus usos regulados, padronizados e organizados em situações de uso, interação e ação social.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros textual-discursivos. 'Definição e funcionalidade'. 'Configuração, dinamicidade e circulação'. Interação médico-paciente.

1 INTRODUÇÃO

A partir do que ressalta Marcuschi (2010 [2002¹]) e Marcuschi (2011 [2005²]), nos fundamentais textos: *Gêneros textuais: definição e funcionalidade* e

¹ Referência original da primeira edição da obra: MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro (RJ): Lucerna, 2002. p. 19-36. (Essa informação é relevante de ser mencionada, visto que a discussão aqui proposta parte da ênfase elencada pelo autor sobre os estudos dos gêneros no Brasil, no referido ano, o que evidencia sua contribuição, desde então, para a consolidação da área).

Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação, o propósito deste estudo é apresentar algumas reflexões sobre gêneros textual-discursivos³ da esfera médica. A exemplo, destaca-se: a bula de medicamentos e a receita médica, recortando, a partir da proposta teórica do autor, elementos que, conforme uma concepção sociointeracionista e dialógico-responsiva da linguagem, emolduram a presença desses gêneros na relação médico-paciente, tal como vem-se insistindo em diversos trabalhos (LIMA; CARVALHO, 2016a, 2016b; LIMA, 2016, 2017a, 2017b, 2017c, 2017d, 2018a, 2018b, 2018c, 2019a, 2019b, 2020, 2021, 2022a, 2022b, 2022c), que discutem sobre o modo como os gêneros medeiam a relação entre esses médicos e pacientes em diferentes espaços institucionais.

Os contextos de interação médico-pacientes, a exemplo de todas as esferas de atuação humana, nos termos de Bakhtin (2011 [1979]), são constituídos por práticas de linguagem diversas, organizadas, funcionalmente, por meio de gêneros textual-discursivos, os quais, constituem formas flexíveis de interação entre o oral e o escrito. Nessa perspectiva, este estudo visa os aspectos que prediquem as discrições relativas ao uso, produção e circulação desses textos em espaços institucionais, ensejando a reflexão sobre o uso social da língua.

Do ponto de vista de filiação teórica, esta proposta situa-se no campo dos estudos do texto – da Linguística Textual (LT), postuladas introdutoriamente no Brasil, na década de 1980, nos seminiais trabalhos: Marcuschi (2012 [1983]) e Fávero e Koch (2000 [1983]) – em interface com os estudos sobre gêneros textual-discursivos, a partir de uma concepção predominantemente francófona, que assume uma relação direta com “Bakhtin e seu círculo”, seguida, especialmente, no Brasil,

² Referência original da obra, pela mesma justificativa apresentada na nota anterior: MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas e União da Vitória (PR): Kaygange, 2005. p. 17-34.

³ Em um dicionário de gêneros textuais, Costa (2009) aponta para o diálogo teórico entre a Teoria dos Gêneros do Discurso de Bakhtin (2011 [1979]) e a Teoria dos Gêneros Textuais de Bronckart (2012), na qual esta confirma a primeira, pois segundo Costa (2009, p. 19-20), “a dimensão textual se subordina à dimensão discursiva produzida/construída na *interação verbal*, realidade fundamental da língua” (grifo do autor). Também, sobre a aproximação/distinção entre esses conceitos, são bastante elucidativas as considerações feitas nos trabalhos de Rojo (2005) e de Bezerra (2017, 2022). Este, ao citar a autora, diz que a “diferenciação entre gêneros *discursivos* ou *textuais* cumpre a função, no trabalho de Rojo (2005), de indicar uma maior ou menor aproximação em relação à perspectiva bakhtiniana [...]” (BEZERRA, 2017, p. 20, grifo do autor), logo para Rojo (2005) essas designações “são o signo de uma polifonia pelo qual diversos pesquisadores se aproximam ou se afastam da perspectiva bakhtiniana” (BEZERRA, 2017, p. 21). Respalhando-se nisso, e, considerando a base teórica sobre a qual este texto se fundamenta, aqui, sempre será referido como ‘gêneros textual-discursivos’.

por Marcuschi, conforme explicitado anteriormente, a partir de Costa (2009), Rojo (2005) e Bezerra (2017, 2022). À leitura destes acresce-se ainda, a reflexão de Silva (1999, p. 98), que assume a perspectiva adotada pelos dois estudiosos, sob a justificativa de que “a rigor, Marcuschi opera com a mesma noção de gênero empregada na obra de Bakhtin”. Ambos concebem gêneros como formas de uso da língua e que, portanto, “a [...] diferença [entre Bakhtin e Marcuschi] é somente de ordem terminológica, e não conceitual”, assim pontua a autora, em diálogo teórico proposto por Bezerra (2017).

Recentemente, Bezerra (2022, p. 27) retoma o que chama de “uma das querelas teóricas, como diria o *Magister* Marcuschi”, e, citando o teórico, pontua: “os gêneros podem ser ditos *textuais* quando referidos a “aspectos constitutivos de natureza empírica” (Marcuschi, 2000:9)” e “também, podem ser rotulados como *discursivos*, uma vez que sempre se realizam em alguma situação discursiva (Marcuschi, 2000)⁴” (BEZERRA, 2022, p. 28, grifos do autor).

Para frisar a necessária articulação entre os estudos da LT e dos gêneros, na acepção aferida, dialoga-se com Bentes, Ramos e Alves Filho (2010, p. 392), ao afirmarem que “os principais teóricos brasileiros no campo dos estudos do texto assumem em suas elaborações do conceito de texto que este é um *locus* de convergências de ações humanas de natureza multissemiótica, interativa e social”. E, portanto, “essas definições possibilitam a compreensão do texto como um objeto de estudo que apresenta uma natureza plástica e com fronteiras maleáveis, histórica e socialmente delimitadas” pelas condições interacionais.

A ‘natureza plástica e maleável’ a que os autores referem o ‘texto’ é sinonímica a identificada no conceito de ‘gênero textual’, proposto por Marcuschi (2010 [2002]), reiterado em tantos outros estudos do autor. Ademais, de maneira bastante lúcida e explícita, Dell’Isola (2017, p. 344) propõe um avizinhamo entre a análise do texto (pelo viés da LT) e os estudos dos gêneros textuais, nos seguintes termos:

[...] os gêneros textuais operam como a ponte entre o discurso – uma entidade mais universal – e o texto, como a peça empírica particularizada e configurada numa determinada composição observável. É importante compreender a inter-relação dos elementos desse tripé conceitual que pode instaurar uma nova vertente da Linguística

⁴ Obra citada por Bezerra (2022, p. 27-28): MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais**: o que são e como se constituem. Recife: UFPE, 2000. Texto inédito. Mimeo.

do Texto centrada nos gêneros textuais. **O gênero textual, entendido como diversidade socioculturalmente regulada das práticas discursivas humanas manifesta-se por meio de um texto, que é o objeto concreto, material e empírico resultante de um ato de enunciação. [...] A articulação do discursivo com o textual dilui a distinção entre ambos.** (grifos meus)

Finca-se, então, uma compreensão teórica e empírica, a partir da qual pode-se, à luz desses autores, tratar os gêneros bula de medicamentos e receita médica como molduras interacionais, textuais-discursivas, inscritas em instâncias enunciativas e interativas e que servem como mediadoras de interações entre sujeitos diversos, mas, principalmente, médicos e pacientes. Obviamente, como destacado em Lima (2016, 2019a), cada um desses gêneros apresenta particularidades e formas de ação social nas relações institucionais a que se vinculam, conforme os propósitos comunicativos, as circunstâncias de produção, circulação e compreensão, conforme tratado em tópico posterior.

A construção metodológica deste estudo, quanto a abordagem, constitui-se por sua natureza qualitativa; quanto aos objetivos, constitui-se de uma pesquisa de natureza exploratória e explicativa; e quanto aos procedimentos técnicos, recorre-se à pesquisa bibliográfica, articulando as concepções de Bakhtin (2011 [1979]), articuladas às leituras de Bezerra (2017, 2022), Rojo (2005), Rojo e Barbosa (2015), além dos textos de Marcuschi, inspiradores dos eixos teóricos e analíticos.

Feitas essas considerações introdutórias, segue a apresentação da estrutura deste texto, que está dividido em três partes seguintes: uma teórico-conceitual, abordando a relação entre gêneros textual-discursivos e esferas de atuação social, recortando a questão para o caso dos dois gêneros em análise (bula de medicamentos e receita médica) e sua esfera principal de atuação (a médica); em seguida, a outra parte pontua as categorias: i) definição, ii) funcionalidade, iii) configuração, iv) dinamicidade, e v) circulação, conforme preconiza Marcuschi (2010 [2002], 2011 [2005]), fazendo a ponte analítica empreendida. E, por fim, a terceira parte apresenta as considerações finais, retomando o propósito do estudo e sintetizando as ponderações possíveis, a partir dos achados anteriores.

2 GÊNEROS TEXTUAL-DISCURSIVOS E ESFERAS DE ATUAÇÃO SOCIAL: UM APANHADO TEÓRICO CONCEITUAL

A relação entre gêneros textual-discursivos e esferas de atuação social, como apontada anteriormente, constitui princípio básico para a compreensão do modo como os textos e os discursos funcionam socialmente. E, neste tópico, para tratar de tal correlação entre conceitos, evoca-se, principalmente, as contribuições de Bakhtin (2011 [1979]), acompanhadas pelas leituras de autores brasileiros, citados anteriormente. O propósito desse enlace é apresentar uma visão geral e, ao mesmo tempo, contemplativa sobre a noção de gêneros textual-discursivos.

A formulação fundamental de Bakhtin (2011 [1979], p. 262) é a de que “cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (grifos no original). Logo:

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 262)

Percebe-se a relação entre os gêneros textual-discursivos e as esferas de atuação social nas quais os sujeitos utilizam-se dos gêneros para a interação e a comunicação, com vistas ao atendimento das necessidades expressivas do cotidiano humano. Essa formulação ocorre articulada à influência dos contextos e dos fatores históricos, culturais e ideológicos que permeiam cada uma das diferentes esferas de atividade humana, ou também, chamadas esferas sociais de comunicação ou esferas comunicativas (BAKHTIN, 2011 [1979]).

O princípio basilar que estrutura e organiza – formalmente e funcionalmente – o gênero é a noção de enunciado, elemento que, segundo Bakhtin (2011 [1979]), é composto de três elementos: conteúdo temático (o assunto tratado), estilo (as formas particulares de escrita, vocabulário, léxico, gramática etc.) e plano composicional (a estrutura formal). Assim, o enunciado constitui a unidade real da comunicação discursiva, e nisso, “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 265).

Desse modo, os gêneros textual-discursivos relacionam-se com o funcionamento das práticas de comunicação e interação no meio social. Nesse percurso, em cada instância do meio social, eles assumem configurações específicas, diretamente relacionadas às necessidades comunicativas dos sujeitos da linguagem, os propósitos comunicativos e as esferas de atuação social.

Rojo e Barbosa (2015, p. 68), com base em Bakhtin, pontuam que “é a finalidade, o funcionamento e a especificidade da esfera/campo em seu tempo e lugar históricos que determinam a característica do gênero discursivo no que este tem tanto de estável como de flexível”, responsáveis por determinar os temas, os estilos e a estrutura composicional que os textos apresentam nas diferentes esferas de circulação social/humana. As autoras acrescentam:

[...] há uma visível vinculação entre as práticas sociais, os tipos de interação verbal, os gêneros e as esferas de atividade. Cada uma dessas esferas/campos de atividade, ao mesmo tempo, engendra e é engendrada por certos tipos de interação verbal admitidas nas práticas sociais, o que nos permitiria falar, então, em ‘esferas/campos de comunicação’. Nestas, circulam certos gêneros que refletem e refratam as restrições impostas pela correlação de posições sociais, pelo jogo de interesses e pelas finalidades próprias dessas esferas e, ao mesmo tempo, cristalizam as formas de discurso – os gêneros – mediante as quais se materializa seu funcionamento. (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 71)

Ainda sobre a relação entre gêneros textual-discursivos e esferas de atuação social, as autoras apontam que estas não são estáticas, pelo contrário, sua vivacidade na língua reside justamente no fato de se transformarem e se atualizarem, conforme as mudanças históricas, culturais, ideológicas e sociais. Nesse processo, há um imbricamento ou hibridismo entre diferentes tipos de esferas (públicas e privadas, por exemplo), atendendo a dinâmica interacional das práticas sociais. Estas, compreendidas como formas de organização da comunicação humana, e que não acontecem de forma aleatória ou desorganizada, mas, “em esferas distintas de atuação ou atividade que seguem regimes de funcionamento diferenciados, inclusive no que diz respeito aos princípios éticos e aos valores. Isto é, as práticas sociais são ‘situadas’ em esferas de atuação específicas” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 56).

Rojo (2005, p. 196) refere-se ao gênero “como um objeto discursivo e enunciativo” instaurado nas situações de interação social, e que não apenas por suas características formais e tipológicas, mas, sobretudo, pelo caráter da

funcionalidade que dentro dos parâmetros de enunciação próprios de cada contexto. Assim, os gêneros textual-discursivos necessitam ser compreendidos conforme a sua situação de produção, considerando-se, também, que suas dimensões axiológicas são tão variadas quanto às esferas de atividade humana.

Encampando a proposta de Rojo (2005), pelo viés da abordagem bakhtiniana, Bezerra (2017) destaca que essa perspectiva assume um lugar privilegiado nos estudos dos gêneros no Brasil, pois, sua filosofia oferece postulados consideráveis para a formulação de princípios e parâmetros de natureza metodológica e analítica, que enfocam, sobretudo, a natureza funcional e dialógica da linguagem. O próprio Marcuschi, segundo Bezerra (2017), reforçado por Bezerra (2022), assume que Bakhtin apresenta uma boa envergadura para o modo como se olha para as questões que envolvem a pesquisa e o ensino de gêneros.

Assim, percebe-se que, a visão desses dois estudiosos mostra-se bastante prudente e conciliatória sobre os estudos gêneros 'textuais' e 'discursivos', assumindo a visada de 'gêneros textual-discursivos'. Ambos convergem quando a natureza funcional, fluida, histórica, dialógica, responsiva e situada na vida cultural e social, atendendo às dinâmicas de interação sociodiscursiva.

Nesse sentido, no próximo tópico, trata-se de tentar atender ao objetivo do estudo, a partir dos aspectos delineados na visão marcuschiana, como: 'definição', 'funcionalidade', 'configuração', 'dinamicidade' e 'circulação' em torno dos gêneros bula de medicamentos e receita médica.

3 GÊNEROS TEXTUAL-DISCURSIVOS BULA DE MEDICAMENTOS E RECEITA MÉDICA: UM BREVE MAPEAMENTO

A título de proposta analítica, nesse mapeamento introdutório proposto, esta seção apresenta três quadros: um conceitual, a partir de Marcuschi (2010 [2002], 2011 [2005]), recortando as categorias elencadas; e mais dois quadros, buscando, a partir de uma perspectiva funcional, aplicar tais concepções marcuschianas aos gêneros bula de medicamentos e receita médica, correlacionando-os às suas respectivas esferas de atuação social/humana. Em seguida, a partir dos quadros, são tecidas considerações analíticas.

Quadro 01: Quadro conceitual sobre gêneros textual-discursivos

Marcuschi (2010 [2002])		Marcuschi (2011 [2005])		
Definição	Funcionalidade	Configuração	Dinamicidade	Circulação
<p>[...] são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social.</p> <p>Fruto do trabalho coletivo [...]. (p. 19)</p> <p>São entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. (p. 19)</p> <p>Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. (p. 19)</p> <p>[...] os <i>textos materializados</i> que encontramos em nossa vida diária e que apresentam <i>características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica</i>. (p. 23)</p> <p>[...] são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos. (p. 26)</p> <p>[...] são uma espécie de armadura</p>	<p>[...] contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. (p. 19)</p> <p>Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, [...]. (p. 19)</p> <p>[...] surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem.</p> <p>Caracterizam-se muito mais por suas funções sociocomunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. (p. 20)</p> <p>[...] criam formas comunicativas próprias como certo <i>hibridismo</i> que desafia as relações entre oralidade e escrita [...]. (p. 21)</p> <p>[...] permitem observar a maior integração entre os vários tipos de semioses: signos verbais, sons, imagens e formas em movimento. (p. 21)</p> <p>[...] operam, em certos contextos, como formas de legitimação discursiva, já que se situam numa relação sócio-histórica com fontes de produção</p>	<p>[...] os gêneros <i>têm uma identidade</i> e eles são entidades poderosas que, na produção textual, nos condicionam a <i>escolhas que não podem ser totalmente livres nem aleatórias, seja do ponto de vista do léxico, do grau de formalidade ou da natureza dos temas</i>. (p. 18)</p> <p>[...] é essencialment e <i>flexível e variável</i>, tal como seu componente crucial, a linguagem. (p. 19)</p> <p>[...] eles <i>não são classificáveis como formas puras</i>, nem podem ser catalogados de maneira rígida. (p. 19)</p> <p>[...] são <i>fenômenos relativamente plásticos</i>, com <i>identidade social e organizacional bastante grande</i> [...]. (p. 22)</p> <p>[...] dão margem às <i>marcas de autoria e estilo</i></p>	<p>[...] como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem, veremos os gêneros como entidades dinâmicas. (p. 18)</p> <p>[...] hoje, a tendência é observar os gêneros pelo seu lado dinâmico, processual, social, interativo, cognitivo, evitando a classificação e a postura estruturais. (p. 19)</p> <p>Devem ser <i>vistos na relação com as práticas sociais, os aspectos cognitivos, os interesses, as relações de poder, as tecnologias, as atividades discursivas e no interior da cultura</i>. Eles <i>mudam, fundem-se, misturam-se</i> para manter sua <i>identidade funcional com inovação organizacional</i>. (p. 19)</p> <p><i>Não deixam de ser sensíveis à realidade de seu tempo e</i></p>	<p>[...] se dá na <i>recorrência de situações que tornam o gênero reconhecível</i>. (p. 19)</p> <p>[...] são <i>parte constitutiva da sociedade</i>. (p. 22)</p> <p>[...] eles <i>proliferam para dar conta da variedade de atividades desenvolvidas no dia a dia</i>. (p. 22)</p> <p>[...] <i>circulam na sociedade das mais variadas maneiras e nos mais variados suportes</i>. (p. 23)</p> <p>O dinamismo de formas e funções dos gêneros está ligado à maneira como <i>circulam</i> os artefatos culturais e, em particular, os textos. (p. 24)</p> <p>[...] <i>quanto mais um gênero circula, mais ele é suscetível a mudanças e alterações</i> por se achar estreitamente ligado a uma moldagem social. (p. 24)</p> <p>[...] <i>a circulação dos gêneros textuais na sociedade [é] um dos aspectos mais</i></p>

<p>comunicativa geral preenchida por sequências tipológicas de base que podem ser bastante heterogêneas, mas relacionadas entre si. (p. 28)</p> <p>[...] são, em última análise, o reflexo de estruturas sociais recorrentes e típicas de cada cultura. (p. 34)</p>	<p>que lhes dão sustentação muito além da justificativa individual. (p. 31)</p> <p>Servem, muitas vezes, para criar uma expectativa no interlocutor e prepará-lo para determinada reação. Operam prospectivamente, abrindo o caminho da compreensão, [...]. (p. 35)</p> <p>[...] independem de decisões individuais e não são facilmente manipuláveis, eles operam como geradores de expectativas de compreensão mútua. (p. 37)</p>	<p><i>próprio em graus variáveis.</i> (p. 22)</p> <p>[...] são <i>categorias operativas, instrumentos globais de ação social e cognitiva.</i> (p. 23)</p> <p>A ideia de que os gêneros são dinâmicos e maleáveis é bastante interessante, <i>mas os gêneros minimalistas que circulam no dia a dia das pessoas são relativamente rígidos, rotineiros, recorrentes e formulaicos. Não têm uma autoria característica nem variação de estilo.</i> (p. 30)</p> <p>[...] <i>organizam nossa fala e escrita assim como a gramática organiza as formas linguísticas.</i> [...] são um tipo de gramática social, isto é, uma gramática da enunciação. (p. 31)</p>	<p><i>profundamente envolvidos com as formas de comunicação existentes.</i> (p. 19)</p> <p><i>Um gênero dá origem a outro, e assim se consolidam novas formas com novas funções, de acordo com as atividades que vão surgindo. Nem sempre temos algo necessariamente e novo, mas derivado, [...]. Esse estado de coisas mostra a dinamicidade dos gêneros e sua facilidade de adaptação, inclusive na materialidade linguística.</i> (p. 22)</p> <p>O <i>dinamismo</i> de formas e funções dos gêneros está ligado à maneira como circulam os artefatos culturais e, em particular, os textos. (p. 24)</p>	<p>fascinantes, pois <i>mostra como a própria sociedade se organiza em todos os seus aspectos.</i> (p. 25) Eles <i>ajudam a estruturar toda ação de uma comunidade sem problema algum e fazem toda a intermediação das práticas sociais.</i> (p. 25-26)</p> <p>Na realidade, <i>existem gêneros que circulam necessariamente e em toda a população como formas organizadoras da vida social.</i> [...] <i>Outros gêneros são próprios de certas esferas da vida social</i> [...] <i>Mas há um grupo que é menos necessário e surge por prazer</i> [...]. (p. 30)</p>
<p>Em <i>itálico</i>: grifos do autor, no original Em negrito: grifos meus</p>		<p>Em negrito: grifos do autor, no original Em <i>itálico</i>: grifos meus</p>		

Fonte: Elaborado a partir de Marcuschi (2010 [2002], 2011 [2005], grifos do autor)

Importante ressaltar que, durante a construção desse Quadro 01, percebeu-se que as cinco categorias permeiam indistintamente os dois textos sobre 'gêneros textuais'. Por exemplo, em 'definição e funcionalidade' (MARCUSCHI, 2010 [2002]), identificam-se aspectos que predicam a 'configuração, dinamicidade e circulação' (MARCUSCHI, 2011 [2005]); e vice-versa, cabendo, portanto, ao leitor/analista, identificar essas linhas tênues de aproximação. Mas, por uma questão de recorte ao escopo proposto, neste estudo, teve-se apenas aos excertos identificados na materialidade textual-discursiva em cada texto definido, a fim de evitar confusões metodológicas, que comprometam o rigor da pesquisa.

No entanto, esse movimento revela, na verdade, a coerência e a fertilidade da produção marcuschiana, na tentativa feliz e de sucesso, – conforme a história do estudo dos gêneros no Brasil tem mostrado – de sua contribuição seminal para a consolidação da área no campo acadêmico-científico na área de Linguística e de Letras (SILVA, 2019). Tal alcance tem tido forte inclinação, sobretudo, nas questões relacionadas ao ensino de língua materna.

Ressalta-se ainda, que nesse trabalho de mapeamento conceitual, a partir de Marcuschi (2010 [2002], 2011 [2005]), não foram considerados os conceitos em que cita explicitamente outros teóricos, a exemplo de Jean-Michel Adam, Mikhail Bakhtin, Charles Bazerman, Jean-Paul Bronckart e Joaquim Dolz e Bernard Schneuwly, embora sua voz dialogue (e muito bem!) com esses autores e seus principais conceitos na construção de uma teoria dos gêneros textual-discursivos, a partir de suas diferentes abordagens, tradições e concepções.

Esse rastreamento busca identificar a posição autoral de Marcuschi sobre os eixos definidos. E, por fim, ressalta-se que esse movimento traçado é, de fato, apenas uma mera tentativa, pois, muitas possibilidades conceituais estão presentes nas linhas e entrelinhas dos textos do autor e podem não ter sido mapeados, incitando, assim, o desenvolvimento de estudos similares, sobretudo, a partir da infinidade de outros gêneros textual-discursivos.

Diante disso, intercambiando as reflexões teórico-aplicadas que marcam o gesto dialógico e interativo que os gêneros textual-discursivos, bula de medicamentos e receita médica, assumem no contexto deste estudo, apresenta-se, a seguir, os Quadros 02 e 03:

Quadro 02: O gênero textual-discursivo bula de medicamentos

Marcuschi (2010 [2002])
Definição
[...] constitui-se então, como um gênero construído em uma esfera industrial-profissional e que, também, tem um caráter injuntivo, semelhante à receita, mas que, no seu processo de produção, obedece a estruturas (plano composicional) mais lógicas, tanto na forma, como no estilo (particularidade de escrita, vocabulário, léxico, gramática etc.), de modo que há uma padronização nos modos de 'dizer' (o conteúdo temático) muito mais rigorosa e pontual para a adequação às situações de uso e interação social. (2019a, p. 46)
Funcionalidade
[está inserida na] sequência injuntiva, uma vez que nas situações de uso, [induz] atos e [explícita] práticas sociais, [organiza] relações de saber agir com e sobre o mundo, de forma ordenada, temporal e lógica, por meio de etapas sequenciadas, que orientam a seguir rigorosamente indicações e procedimentos (ADAM, 1992) ⁵ [orientando] os pacientes a tomarem a medicação. (2019a, p. 48)
[possui] as capacidades de "instruções e prescrições, descrever ações e regulação mútua de comportamentos" (DOLZ; SCHNEUWLY (2004, p. 52); que, na leitura de Costa (2009, p. 24), "se refere às <i>instruções e prescrições e exige a regulação mútua de comportamentos</i> (instruções diversas) [...]. (2019a, p. 49)
[...] auxilia no processo comunicativo entre médicos e pacientes, seja para a) solucionar as dúvidas deixadas pela fala ou escrita do médico; ou b) confirmar ou refutar uma informação relativa ao modo de tomar a medicação; [...]. (2019a, p. 203)
[...] funciona como uma via secundária a que os pacientes recorrem posteriormente. [...] assume a função de guiar, esclarecer e dar os comandos que organizam as ações dos sujeitos no mundo. (2019a, p. 204)
[...] diante das dificuldades de compreensão, decorrentes das diferenças entre a fala e a letra do médico na construção da receita, [...] cumpre um importante papel social na condução do tratamento de saúde, fornecendo informações, inclusive, de caráter mais técnico, como: composição, indicações, contra-indicações, precauções, posologia, reações adversas, efeitos colaterais, modo de usar etc. (2019a, p. 204)
[...] é decisivo na solução de algumas dúvidas, não somente da fala do médico, mas também, da letra na receita, pois existem situações que tanto a fala, como a escrita na receita são diferentes da bula e nesses casos, prevalece a informação dada nesta última, ou seja, a bula sobrepõe-se à receita. (2019a, p. 204)
Marcuschi (2011 [2005])
Configuração
[Carrega] [as] especificidades do 'dizer' próprio das áreas das ciências da saúde ou médicas, ou seja, [insere-se] em um campo específico de atividade humana, em contextos concretos e historicamente construídos, assumindo 'formas relativamente estáveis', dado o caráter dialógico e interativo dos gêneros do discurso. (2019a, p. 44)
[...] [se realiza] enquanto gênero, pois além de [assumir] uma função social e de interação em seus contextos de produção e circulação, [faz] parte do grupo dos gêneros secundários, pois [está presente] em circunstâncias sociais mais complexas, em que a linguagem escrita prevalece sob a oral. (2019a, p. 45)
[...] [o] fato da escrita na bula, ser digitada no computador, ter passado por um processo de 'lapidação' e de formulação dado pela esfera industrial farmacêutica, de comercialização de medicamentos; e, por isso, impõe maior confiança e credibilidade para o paciente, e nesse caso, portanto, a escrita computadorizada assume uma supremacia sobre a escrita cursiva, 'à mão'. (2019a, p. 204-205)
Dinamicidade

⁵ Nos Quadros 02 e 03, os autores citados por Lima (2016, 2019a), como Adam (1992), Costa (2009) e Dolz e Schneuwly (2004), constam nas referências deste estudo.

[forma comunicativa, que possibilita] uma ação de linguagem entre os sujeitos, pois a escolha de utilizá-los provém se sua adaptação à realidade, levando-se em consideração as especificidades da situação e as necessidades de produção e interação entre os agentes do discurso. [articula-se e possibilita] a realização de diferentes práticas de letramento que podem ser realizadas em diferentes agências de práticas letradas como, nesse caso, em contextos hospitalares. (2019a, p. 48-49)

Circulação

[...] a bula de medicamentos [faz] parte do cenário hospitalar, servindo como elos na cadeia comunicativa entre o médico e paciente. (2019a, p. 42)

[...] [faz] parte de um mesmo contexto comunicacional e de organização discursiva: [os contextos em que circulam as informações médicas]. (2019a, p. 44)

[está presente] em circunstâncias sociais mais complexas, em que a linguagem escrita prevalece sobre a oral. (2019a, p. 45)

[...] parte de uma instituição (empresa de medicamentos) e circula, prioritariamente, entre o farmacêutico e o paciente e, posteriormente por outros sujeitos, a quem este paciente possa recorrer para leitura e compreensão do gênero. (2019a, p. 45)

Fonte: Elaborado a partir de Lima (2016, 2019a), com base em Marcuschi (2010 [2002], 2011 [2005])

Quadro 03: O gênero textual-discursivo receita médica

Marcuschi (2010 [2002])

Definição

[...] constitui-se de um artefato gráfico e linguístico, em que as informações relevantes que o compõem (o conteúdo temático) são escritas, na maioria das vezes ainda de próprio punho pelo médico; e que por conta disso, há uma heterogeneidade de estilos (formas particulares de escrita, vocabulário, léxico, gramática etc.) em seu plano composicional (estrutura formal), prevalecendo assim, uma dubiedade entre o caráter injuntivo do gênero, e também, as marcas subjetivas de seu autor, ou seja, o modo particular como cada médico escreve. (2019a, p. 45)

Funcionalidade

[...] tem funções comunicativas específicas, realiza ações e se constrói/define por meio dessas ações, de modo que há uma relação compartilhada e intrínseca com as condições sócio-históricas em que ela se manifesta [...] é através dela que se torna possível verificar como se dá a compreensão do texto escrito, o registro do que o médico diz para o paciente. (2019a, p. 44-45)

[...] formaliza a prescrição médica escrita [...] (2019a, p. 45)

[está inserida na] sequência a injuntiva, uma vez que nas situações de uso, [induz]m atos e [explicita] práticas sociais, [organiza] relações de saber agir com e sobre o mundo, de forma ordenada, temporal e lógica, por meio de etapas sequenciadas, que orientam a seguir rigorosamente indicações e procedimentos (ADAM, 1992) [orientando] os pacientes a tomarem a medicação. (2019a, p. 48)

[possui] as capacidades de “instruções e prescrições, descrever ações e regulação mútua de comportamentos” (DOLZ; SCHNEUWLY (2004, p. 52); que, na leitura de Costa (2009, p. 24), “se refere às *instruções e prescrições e exige a regulação mútua de comportamentos* (instruções diversas) [...]. (2019a, p. 49)

[...] exerce papel de ‘instrumento’ de interação e de estabilização de sentidos [...] (2019a, p. 125)

[...] mediador das relações entre médico e pacientes, um ‘instrumento’ [...]. Portanto, exerce papel de porta-voz do médico e de guia ou referência para o paciente, como representação, tanto do médico, como da consulta e do tratamento de saúde, como um retrato da situação. (2019a, p. 130)

Marcuschi (2011 [2005])

Configuração

[Carrega] [as] especificidades do ‘dizer’ próprio das áreas das ciências da saúde ou médicas, ou seja, [insere-se] em um campo específico de atividade humana, em contextos concretos e historicamente construídos, assumindo ‘formas relativamente estáveis’, dado o caráter dialógico e

interativo dos gêneros do discurso. (2019a, p. 44)

[...] a receita médica, [vista] não apenas como material semiótico ou um documento formal que estabiliza um acordo de cooperação entre o médico e paciente, mas como um gênero do discurso que, naquele contexto de letramento no qual se situa, [...]. (2019a, p. 44)

[...] [se realiza] enquanto gênero, pois além de [assumir] uma função social e de interação em seus contextos de produção e circulação, [faz] parte do grupo dos gêneros secundários, pois [está presente] em circunstâncias sociais mais complexas, em que a linguagem escrita prevalece sobre a oral. (2019a, p. 45)

[...] caracterizada por aspectos relativos à forma/estrutura, mas também, e principalmente, por sua função e propósitos de interação, [...]. De acordo com as regras tácitas do contexto social em que é construída, apresenta regularidades quanto ao formato e a configuração típica dos elementos visuais de sua composição; e dos elementos de linguagem verbal e tipográfica, [...] (2019a, p. 183)

[...] se apresenta como uma das principais peças escritas que intermedeiam a interação entre médicos e pacientes, contribuindo para a organização social de suas vidas durante o tratamento de saúde. (2019a, p. 185)

[...] está organizada estruturalmente, quanto ao tamanho, localização, recursos, sinalizações, numerações, desenhos, símbolos, entre outras marcações [...]. (2019a, p. 253)

Dinamicidade

[...] [assume uma] dimensão dialógica [...]. (2019a, p. 44)

[forma comunicativa, que possibilita] uma ação de linguagem entre os sujeitos, pois a escolha de utilizá-los provém se sua adaptação à realidade, levando-se em consideração as especificidades da situação e as necessidades de produção e interação entre os agentes do discurso. [articula-se e possibilita] a realização de diferentes práticas de letramento que podem ser realizadas em diferentes agências de práticas letradas como, nesse caso, em contextos hospitalares. (2019a, p. 48-49)

Circulação

[...] a receita médica, a qual é parte de um cenário hospitalar, e que serve como um elo na cadeia comunicativa entre o médico e paciente. (2016, p. 63)

[...] [faz] parte de um mesmo contexto comunicacional e de organização discursiva: [os contextos em que circulam as informações médicas]. (2019a, p. 44)

[está presente] em circunstâncias sociais mais complexas, em que a linguagem escrita prevalece sobre a oral. (2019a, p. 45)

[...] emerge ou é construída durante uma prática de letramento, que faz parte do evento de letramento consulta médica, pelos comandos de uso social da escrita entre o médico e o paciente. (2019a, p. 45)

[...] ajuda a estender as informações para além do espaço interno do consultório, mas para a vida social do sujeito, orientando-o na compra do remédio e na tomada da medicação de forma correta. [...] (2019a, p. 130)

Ainda que mantenha a consistência e tipificação dessa sua forma e desses traços linguísticos, ao sair do contexto inicial de produção (consultório médico), ela passa a circular por outras esferas comunicativas (farmácia, ambiente doméstico etc.), nas quais se adapta e se molda conforme os propósitos discursivos e os contextos comunicativos de cada interlocutor. (2019a, p. 185)

[...] é uma peça escrita que transita e dá forma às ações sociais dos sujeitos dentro do contexto que se inserem. (2019a, p. 215)

[...] via comunicativa de desdobramentos diversos na vida social do sujeito, como comprar o remédio, seguir os horários de tomá-los etc., entre tantas outras aberturas de produção discursivas, [...] (2019a, p. 232)

[...] [simboliza] o processo comunicativo entre médico e paciente, visto que sumariza o encontro entre eles, sendo uma ponta final desse encontro, com desdobramentos em sua vida social, em casa, no trabalho etc. (2019a, p. 239)

Fonte: Elaborado a partir de Lima (2016, 2019a), com base em Marcuschi (2010 [2002], 2011 [2005])

Arregimentando as categorizações apresentadas nos Quadros 02 e 03, Lima (2019a, p. 49) pontua que “a efetiva incorporação desses gêneros ao cotidiano dos sujeitos se dá, portanto, através das leituras e (re) leituras que eles fazem, conforme as necessidades de interação vivenciadas em seus contextos”. E, em face disso:

[...] no contexto prático, ou seja, nas ‘condições específicas’ de uso, a principal diferença entre a receita médica e a bula de medicamentos é que elas, justamente pela forma como são produzidas – a primeira manualmente, na maioria das vezes; e a segunda, digitada, de modo mais organizado – possibilita maior ou menor facilidade de compreensão na leitura, sendo que nesta questão, interfere também, o nível de letramento (escolar ou não) do (leitor) paciente. (LIMA, 2019a, p. 49)

Diante de tais aspectos, apontam-se algumas considerações analíticas que correlacionam os dois gêneros textual-discursivos às cinco categorias propostas por Marcuschi: i) ‘definição’, ii) ‘funcionalidade’ (MARCUSCHI, 2010 [2002]), iii) ‘configuração’, iv) ‘dinamicidade’ e v) ‘circulação’ (MARCUSCHI, 2011 [2005]).

No contexto mais amplo, os gêneros textual-discursivos, bula de medicamentos e receita médica assumem aspectos de organização funcional, cognitiva, social, cultural, histórica e situada, atendendo, conforme os propósitos comunicativos, às necessidades sociocomunicativas dos sujeitos da interação: médicos e pacientes. Nesse processo, a compreensão é um fator complexo, multifacetado e processual, construído dialogicamente.

Correlacionando os conceitos marcuschianos aplicados à leitura de Lima (2016, 2019a), pode-se dizer, sobre a bula de medicamentos e a receita médica:

i) quanto à ‘definição’, eles atendem ao princípio de estarem situados em contextos sócio-históricos e culturais, envolvendo aspectos de natureza formal e, sobretudo, funcional, conforme a trilogia de elementos que compõem o enunciado. São entidades sociodiscursivas, que materializam molduras interacionais da esfera médica. Apresentam-se, em maior ou menor proporção, relativamente plásticos e maleáveis aos contextos de comunicação. Embora apresentem particularidades linguísticas e estruturais, que os tornam heterogêneos, esses gêneros assumem formas de ação verbal comuns, possibilitando diferentes modos de compreensão,

decorrentes das estruturas sociais que estão inseridos. A bula, por exemplo, assume uma estrutura mais rígida e enrijecida, já a receita, possui uma estrutura composicional mais flexível e adaptável, construída *online*, no contato direto entre o médico e o paciente.

ii) quanto à 'funcionalidade', ambos os gêneros possuem especificidades particulares de enunciação e funcionam, sobretudo, a serviço do estabelecimento de funções cognitivas, sociais e culturais, contribuindo para a legitimação do discurso médico na sociedade. Possibilitam que os pacientes criem formas específicas de comunicação, a partir de suas possibilidades de leitura e compreensão. Nesse processo, envolvem expectativas e orientam a tomada de decisões, levando os pacientes a agir, prescrever tomadas de decisões, instruir, direcionar ações e comandos, orientar caminhos que levem à compreensão. Nesse aspecto, seguem, de modo sequenciado, um 'modo de fazer', mais ou menos flexível, conforme as particularidades de cada medicamento e os problemas de saúde de cada paciente.

iii) quanto à 'configuração', são genuinamente marcados por aspectos estruturais e funcionais que remetem à esfera médica. Apresentam particularidades de linguagem, por exemplo, a bula possui um léxico especializado e mais enrijecido, construído do contexto farmacêutico, atendendo as normativas e resoluções oficiais, de órgãos, como a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), construindo, assim, uma autoria e um *ethos* da esfera industrial farmacêutica. Já a receita assume uma configuração mais dinâmica e flexível, destacando-se, em particular, a legibilidade (letra do médico) e a disposição dos elementos verbais e não verbais em sua estrutura composicional, o que compromete significativamente a funcionalidade e a interação: o nível de compreensão das informações, por parte dos pacientes. Nisso, assumem identidades, marcas de autoria, estilos e marcas de organização, criando, assim, um tipo de 'gramática de enunciação' da esfera médica.

iv) quanto à 'dinamicidade', esse aspecto fica evidente, em particular, nas múltiplas formas, como sujeitos agem socialmente com esses artefatos textuais-discursivos, utilizando-se da versatilidade de cada um desses gêneros no interior das culturas em que estão inseridos. Nesse aspecto, o dinamismo funcional, interacional e cognitivo desses gêneros é visível, por exemplo, nos diferentes processos, estratégias e mecanismos verbais e não verbais, de retextualização (envolvendo a modalidade oral e escrita da língua, com ou sem mudança de gêneros) das receitas médicas e das bulas de medicamentos. No caso das receitas,

o ponto fulcral é o entendimento da letra dos médicos, e, no caso das bulas, o foco é ajudar a lembrar o modo de tomar a medicação, ratificar uma informação escrita na receita ou na fala do médico, ou reforçar os aspectos anteriores (LIMA, 2016, 2018a, 2019a). Nisso, esses gêneros corporificam modos particulares de linguagem, a depender das necessidades de compreensão.

v) quanto à 'circulação', ocorre nas diversas situações, espaços, setores e suportes em que esses gêneros circulam, organizando funcionalmente a vida dos sujeitos pacientes. No caso dos gêneros em foco, eles circulam em diversos espaços institucionais, dentre eles, em uma relativa ordem cronológica de circulação, pode-se citar os ambientes de atendimento médico (hospitais, Unidades Básicas de Saúde (UBS), postos de saúde, clínicas, farmácias dentro desses espaços etc.) e demais locais onde circulam as informações médicas, a exemplo de farmácias comerciais, ambientes domésticos, entre outros. Nesse processo, além do médico e do paciente, circulam entre enfermeiros, técnicos de enfermagem, auxiliares de enfermagem, técnicos administrativos dos ambientes de atendimento médico, agentes de saúde, familiares ou amigos que ajudam os pacientes no processo de leitura e compreensão. Enfim, esses gêneros são moldados e adaptados, conforme as necessidades particulares de cada sujeito e estão suscetíveis a mudanças e alterações, conforme as necessidades de organização da vida social, contribuindo para a ampliação do processo comunicativo.

Por fim, a reunião desses cinco elementos reforça, de maneira bastante coerente, as diversas abordagens de gênero teorizadas ao longo deste estudo. Partindo disso, destaca-se a importância da linguagem como mecanismo de articulação entre o homem e a sociedade. Nesse aspecto, os gêneros textual-discursivos assumem funções específicas, mediando processos de interação social, produção de sentidos e atendendo aos propósitos comunicativos dos sujeitos da linguagem, sob uma abordagem dialógica e sociocognitiva.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão aprofundada neste estudo enfocou, sobretudo, a relação entre gêneros textual-discursivos e esferas de atuação social, considerando como espelhos de análise, a bula de medicamentos e a receita médica. Esses dois gêneros possuem particularidades lexicais, gramaticais, linguísticas, estruturais e

funcionais bastante específicas, atendendo, em vários níveis e contextos, os propósitos de comunicação entre médicos e pacientes.

Em particular, a bula de medicamentos assume um estatuto de gênero moldado a partir das regulamentações previstas por ordenamentos legais, a exemplo, da ANVISA, o que torna, do ponto de vista formal, sua estrutura bastante enrijecida. No entanto, nos contextos práticos, de interação social, os pacientes realizam distintos movimentos de leitura, a fim de compreender as informações médicas. Com isso, aflora o caráter funcional e interativo do gênero, mobilizado pela capacidade de ação com a linguagem e a criatividade de cada sujeito.

Sobre a receita médica, pode-se destacar que, na relação entre médicos e pacientes, é um gênero muito importante e, ao mesmo tempo, complexo, tendo em vista que revela um dos principais 'nós' que comprometem a comunicação: a letra do médico. Esse aspecto, fruto da tradição na área, revela a prevalência da estrutura formal do gênero, gerando muitas dificuldades de compreensão, juntos aos pacientes. Estes, no entanto, não se deixam 'vencer' por tais barreiras. Pelo contrário, as necessidades de sobrevivência fazem com que eles criem e recriem diferentes estratégias e mecanismos de leitura, a exemplo dos processos de retextualização, pondo em evidência, assim, o caráter funcional do gênero.

Portanto, a partir do mapeamento desses dois gêneros da esfera médica, aponta-se para aspectos que aliam a forma e, sobretudo, as funções em diversos espaços institucionais, corroborando, assim, a compreensão de que seus usos são regulados, padronizados e organizados em situações de interação e ação social. Desse modo, questões relativas à definição, à funcionalidade, à configuração, à dinamicidade e à circulação articulam-se às ações humanas e aos valores históricos, culturais, ideológicos e sociais da escrita.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. **Les textes**: types et prototypes – récit, description, argumentation, explication et dialogue. Paris: Nathan Université, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. [1979].

BENTES, Anna Christina; RAMOS, Paulo; ALVES FILHO, Francisco. Enfrentando desafios no campo de estudos do texto. *In*: BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli

Quadros (Orgs.). **Linguística de texto e análise da conversação**: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010. p. 389-428.

BEZERRA, Benedito Gomes. **Gêneros no contexto brasileiro**: questões [meta]teóricas e conceituais. São Paulo: Parábola, 2017.

BEZERRA, Benedito Gomes. **O gênero como ele é (e como não é)**. São Paulo: Parábola, 2022.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sociodiscursivo. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2012.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. Linguística Textual e gêneros dos textos. *In*: CAPISTRANO JUNIOR, Rivaldo; LINS, Maria da Penha Pereira; ELIAS, Vanda Maria (Orgs.). **Linguística Textual**: diálogos interdisciplinares. São Paulo: Labrador, 2017. p. 339-362.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência Suíça (francófona). *In*: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 35-60.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguística Textual**: introdução. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000. [1983].

LIMA, Francisco Renato; CARVALHO, Maria Angélica Freire de. Receita médica & bula de medicamentos: *continuuns* interacionais no evento de letramento consulta médica. *In*: COLÓQUIO SOBRE GÊNEROS E TEXTOS, V., 2016, Teresina. **Anais...** Teresina: EDUFPI, 2016a. v. 1. p. 132-150.

LIMA, Francisco Renato; CARVALHO, Maria Angélica Freire de. O sujeito na linguagem: aspectos textuais-discursivos na constituição e leitura do gênero do discurso receita médica. **Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 8, p. 79-91, 2016b.

LIMA, Francisco Renato. **Letramentos em contextos de consulta médica**: um estudo sobre a compreensão na relação médico-paciente. 2016. 254 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas e Letras. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.

LIMA, Francisco Renato. Letramento e letramentos: uma análise de práticas sociais letradas em contextos hospitalares a luz dos novos estudos do letramento. **Caminhos em Linguística Aplicada**, Taubaté, v. 16, n. 1, p. 110-131, 2017a.

LIMA, Francisco Renato. A compreensão na comunicação entre médicos e pacientes: um estudo em contextos de letramentos. *In*: BRITO, Djane Oliveira de;

LIMA, Francisco Renato (Orgs.). **Escritos sobre linguagem, discurso e interação**. Teresina: EDUFPI, 2017b, p. 33-58.

LIMA, Francisco Renato. Cenas de letramento no cotidiano hospitalar: um estudo sobre a compreensão na comunicação entre médicos e pacientes. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN: Pesquisa linguística e compromisso político, X., 2017, Niterói. **Anais...** Niterói: UFF, 2017c. v. 1. p. 172-172.

LIMA, Francisco Renato. Eventos de letramento & atividades de retextualização: dos *continuuns* interacionais na comunicação médico-paciente. *In*: WORLD CONGRESS OF APPLIED LINGUISTICS: Innovation and epistemological challenges in applied linguistics, 18th., 2017, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: AILA, 2017d. v. 1. p. 122-122.

LIMA, Francisco Renato. Atividades de retextualização do gênero receita médica em contextos de comunicação médico-paciente. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 8, n. 2, p. 156-173, maio/ago., 2018a.

LIMA, Francisco Renato. Letramento, dialogismo e compreensão na interação entre médicos e pacientes. *In*: LIMA, Francisco Renato; SILVA, Marcos Helam Alves da (Orgs.). **Letramento, gênero e discurso**: entre a oralidade e a escrita. Teresina: EDUFPI, 2018b, p. 53-81.

LIMA, Francisco Renato. Ecos e ressonâncias do 'dizer' médico replicado no discurso do paciente: uma análise de aspectos textuais-discursivos. *In*: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM (CIELIN): As ciências da linguagem em tempos de crise: privações, rupturas e continuidades, II., 2018, Brasília. **Anais...** Brasília: UnB, 2018c. v. 1. p. 106-107.

LIMA, Francisco Renato. **Letramentos e retextualização em contextos de consulta médica**: um estudo sobre a compreensão na relação médico-paciente. Campinas: Mercado de Letras, 2019a.

LIMA, Francisco Renato. O gênero discursivo receita médica e sua função sociodiscursiva em contextos de analfabetismo funcional. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA APLICADA (CONALA), I. / ENCONTRO NACIONAL DE FICÇÃO, DISCURSO E MEMÓRIA (ENAFDM), IV., 2019, São Luís. **Anais...** São Luís: EDUFMA, 2019b. v. 1. p. 327-339.

LIMA, Francisco Renato. **Atividades de retextualização do gênero receita médica em contextos de interação institucional**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. [Projeto de Tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para seleção de Doutorado]. Texto inédito, 2020. p. 01-21.

LIMA, Francisco Renato. A informatização da escrita em receitas médicas: implicações éticas, legais e cognitivas no processo de compreensão leitora. *In*: CONGRESSO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA DO INSTITUTO FEDERAL DO MARANHÃO, I., 2021, São Raimundo das Mangabeiras. **Anais...** São Raimundo das Mangabeiras: IFMA, 2021. v. 1. p. 01-14.

LIMA, Francisco Renato. **O gênero textual-discursivo bula de medicamentos**: do plano de texto às regularidades/recorrências do discurso procedural na estrutura composicional. [Comunicação oral apresentada via plataforma digital do *Google Meet*]. *In*: XII Semana de Letras: Linguagem e Literatura: inter-ações no campo das Letras [Evento *on-line*] – Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Timon, 24 a 26 de outubro de 2022a.

LIMA, Francisco Renato. **Leitura, gênero e retextualização em contextos de interação médico-paciente**: pesquisas e diálogos em andamento. [Comunicação oral apresentada via plataforma digital do *Google Meet*]. *In*: XII Semana de Letras: Linguagem e Literatura: inter-ações no campo das Letras [Evento *on-line*] – Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Timon, 24 a 26 de outubro de 2022b.

LIMA, Francisco Renato. **A estrutura da narrativa e do letramento social na interação médico-paciente**: uma exemplificação. [Comunicação oral apresentada via plataforma digital do *Google Meet*]. *In*: III Seminário Didático-Pedagógico do CCHL/UESPI: Professores para quê? [Evento híbrido] – Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Teresina, 13 a 15 de dezembro de 2022c.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística Textual**: o que é e como se faz. São Paulo: Parábola, 2012. [1983].

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola, 2010. p. 19-38. [2002].

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. *In*: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2011. p. 17-31. [2005].

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. *In*: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirré (Orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline Peixoto. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015.

SILVA, Jane Quintiliano G. Gênero discursivo e tipo textual. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 87-106, 1999.

SILVA, José Pereira (Org.). **Luiz Antônio Marcuschi e sua contribuição aos estudos de Linguística e de Letras**. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.